

Fé e Política: mudanças teológicas e participação política no pentecostalismo brasileiro

VITOR APARECIDO SANTOS DE PAULA¹

A inserção das igrejas pentecostais na política partidária brasileira deve ser situada no contexto do processo de redemocratização, ou se preferir, como expressa Carvalho, de democratização pós-1985. Durante o período em que os militares estiveram no poder, à semelhança do que já havia acontecido durante o Estado Novo, houve um enfraquecimento dos direitos civis e políticos. Pode se argumentar que esse enfraquecimento das instituições políticas tenha desencorajado a participação de grupos religiosos junto às esferas do poder, além do que, no que tange aos grupos pentecostais, estes ainda não contavam com grupos numericamente expressivos.²

No período pós-1985 há um despertar de novos atores que passaram a lutar por espaço nas esferas do social e do político. Cita-se, por exemplo, a emergência ou fortalecimento, de movimentos sociais e outras entidades representativas da sociedade civil ou de algum de seus segmentos, como é caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e as organizações não-governamentais (ONGs). Foi também nesse período que surgiram grupos ligados a questões específicas: negros, mulheres, povos indígenas e homossexuais.

Houve um renascimento da vida pública, com a mobilização dos mais variados segmentos e instituições da sociedade civil que lutavam pelo direito de participação nas grandes questões nacionais, o que culminou em grandes manifestações em defesa da realização de eleições diretas, “o período da ‘transição democrática’ reafirmou o direito do cidadão de participar de eleições livres e justas” (NAVES, 2003:569). Foi neste contexto que as igrejas pentecostais apareceram como novos atores no campo político.

¹ Mestrando em História, UNESP/Assis, Bolsista do CNPq – Brasil.

² Segundo os Censos Demográficos realizados pelo IBGE, os evangélicos perfaziam apenas 2,6% da população brasileira na década de 1940. Avançaram para 3,4% em 1950, 4% em 1960, 5,2% em 1970, 6,6% em 1980, 9% em 1991 e 15,4% em 2000, ano em que somavam 26.184.941 de pessoas.

Além dessas transformações, ocorridas nos campos social e político, nos anos 1970 e 1980, a emergência do neopentecostalismo trouxe importantes mudanças a base teológica pentecostal com a introdução de novas correntes teológicas provenientes dos Estados Unidos. São elas a Teologia da Prosperidade e a Teologia do Domínio.

A influência de correntes teológicas norte-americanas sobre o pentecostalismo brasileiro não foi uma novidade deste período haja visto que os próprios missionários que trouxeram o movimento pentecostal para o Brasil, embora europeus, tenham se convertido a este movimento religioso nos Estados Unidos.

Ricardo Mariano chama atenção para isso:

[...] desde sua implantação no Brasil, o pentecostalismo, nascido nos EUA, sofreu forte influência estrangeira. O pentecostalismo clássico teve início com a chegada de dois batistas suecos e um presbiteriano italiano convertidos ao pentecostalismo nos EUA. Até o final da década de 1940, missionários pentecostais europeus exerceram grande influência na Assembleia de Deus, [...]. Já a partir dos anos 50, as principais inovações tecnológicas e institucionais passaram a vir, cada vez mais celeremente, dos EUA. O deuteropentecostalismo teve início com a vinda de dois missionários americanos da International Church of The Foursquare Gospel, igreja mãe da Evangelho Quadrangular brasileira. O neopentecostalismo não fugiu do script. Da Nova Vida – fundada por um missionário canadense com muitos contatos no exterior e até com o Vaticano, que pregou nos cinco continentes e pastoreou igrejas nos EUA – saíram Universal e Cristo Vive [...].” Além destas, várias denominações e entidades paraeclesiais neopentecostais tiveram origens associadas a instituições ou pastores estrangeiros. Na formação da Comunidade Evangélica, estavam a norte-americana Mocidade Para Cristo, ligada ao movimento Atletas de Cristo. A Adhonor (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno) esteve ligada a Full Gospel Business Men’s Fellowship International (MARIANO, 1999: 39).

Essas novas linhas teológicas trouxeram transformações ao padrão ascético pentecostal e, conseqüentemente, à forma como estes passaram a se relacionar com o político e o social, oferecendo substrato teológico para seu engajamento político-partidário.

A disseminação da chamada “Teologia da prosperidade” pelo campo protestante brasileiro, colocou os fieis pentecostais diante de uma nova postura frente ao mundo social. Antes detentores de um discurso de abandono “às coisas deste mundo”, os fieis pentecostais passaram a ser chamados a viver o “aqui e agora”. O até então predominante ascetismo pentecostal foi abandonado em prol da busca por uma vida

marcada pelo sucesso financeiro, pela saúde perfeita e o triunfo nos empreendimentos terrenos, que passaram a ser vistos como evidências da bênção divina.

Originário do metodismo e do movimento Holiness o movimento pentecostal encontrou guarida, sobretudo entre as camadas pobres e marginalizadas. Foi assim em sua expansão inicial nos Estados Unidos e posteriormente também no Brasil. Devido ao seu forte caráter sectário e ascético, os pentecostais defenderam uma forte desvalorização do mundo, deslocando suas promessas redentoras para o além, a exceção estava na cura física.

A Teologia da Prosperidade têm sua origem nos Estados Unidos onde, além desse nome, é também conhecida por *Health and Wealth Gospel*, *Faith Movement*, *Faith Prosperity Doctrines* e *Positive Confession*. Surgida ainda na década de 1940, foi somente a partir da década de 1970 que veio a ganhar maior repercussão junto aos grupos evangélicos carismáticos. Na base de suas crenças estão idéias provenientes da filosofia do “Novo Pensamento” e da teoria da “Confissão Positiva”.³

A “Confissão Positiva” refere-se à crença de que os cristãos detêm o poder de trazer à existência o que declaram, decretam ou determinam com a boca em voz alta. Em suma, as palavras ditas com fé compelem Deus a agir, seja para o bem ou para o mal. Um ponto que têm gerado controvérsias, no meio protestante, em relação à Confissão Positiva está no fato de que, para os seus defensores, confessar não tem nada a ver com pedir ou suplicar a Deus. “Os cristãos, em vez de implorar, devem decretar, determinar, exigir, [...], tomar posse das bênçãos a que têm direito (MARIANO, 1999: 154).”

É neste sentido que o pastor e líder da denominação neopentecostal Igreja Internacional da Graça de Deus, R. R. Soares, afirma:

Aqui reside praticamente metade do segredo do sucesso na vida espiritual. Exigir a bênção que, segundo a Palavra, já é nossa, é simplesmente concordar com o Senhor e não deixar o diabo ficar com aquilo que nos pertence. Ao exigirmos o cumprimento de tudo o que legalmente nos

³ A filosofia do “Novo Pensamento” foi formulada originalmente por Phineas Quimby (1802-66). Quimby, que estudara espiritismo, ocultismo, hipnose e parapsicologia para produzir sua filosofia, inspirou e curou Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã” (p. 151). A qual teria fundado posteriormente a teoria da Confissão Positiva. ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.

pertence, estamos agindo estritamente dentro da vontade do Senhor, expressa nas Escrituras (SOARES, 1999: 10).

Ainda segundo Soares, o fato de muitos cristão não terem tomado posse das bênçãos divinas à sua disposição ocorre, em primeiro lugar, devido a incompetência destes em confessá-las de forma adequada, na falta de fé, na existência de pecados ou, simplesmente, pelo fato de ignorarem que possuem “direitos” divinos a serem reclamados.

É exatamente isto que Ele está fazendo. O Senhor está lhe mostrando que, a partir de agora, tudo o que você determinar no nome dEle, Ele mesmo fará. Em outras palavras — você é quem determina o que terá ou não. Você é de Deus. Recriado em Cristo Jesus para o sucesso, para uma vida plena, para determinar o que quiser, e vencer. Se fracassarmos em receber qualquer bênção, é por nossa culpa. O que exigirmos, Ele o fará (SOARES, 1999: 33).

Nesse mesmo sentido, Jerônimo Onofre da Silveira, um dos principais pastores da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil, afirma:

Dependendo do que você falar, você estará semeando a morte, ou seja, a morte ou a vida estão no poder das palavras que saem da sua boca. Jesus disse: dependendo do que você falar, você será justificado, vencedor, vitorioso, mas dependendo do que você falar, você será derrotado, condenado e destruído pela sua própria boca. As suas palavras têm poder de atrair bênçãos ou maldição. Você é quem vai decidir. Um homem que produz por mil homens é aquele que tem domínio, controle das palavras que saem da sua boca. [...] A nossa palavra é uma profecia, pois o que sai da boca acontece. Quando falamos, liberamos o poder de Deus ou o poder do diabo.⁴

Embora a Igreja do Evangelho Quadrangular ainda venha sendo enquadrada pelos pesquisadores da religião como uma igreja do pentecostalismo neoclássico,

⁴ Jerônimo Onofre da Silveira é pastor titular do Templo dos Anjos – Comunidade Quadrangular em Belo Horizonte –MG, sua igreja conta atualmente com mais de seis membros. Além de Superintendente Regional da III Região Eclesiástica de Belo Horizonte é presidente da Associação de Homens e Mulheres de Negócios do Evangelho Quadrangular. Cf. SILVEIRA, Jerônimo Onofre da. *Produzindo por mil homens*. Belo Horizonte: Jerônimo Onofre Silveira, s/ data, p. 58-59.

conforme pudemos perceber durante nossa pesquisa de campo⁵ essa igreja encerra uma grande variedade de práticas que ora se aproximam do pentecostalismo clássico, ora se aproximam da neopentecostalismo. Ademais, no movimento pentecostal brasileiro as fronteiras doutrinárias e teológicas são facilmente transgredidas.

Em relação ao espaço ocupado pela Teologia da Prosperidade no campo protestante, Mariano faz a seguinte colocação:

Hoje, porém, a Teologia da Prosperidade já deitou raízes muito além das fronteiras das neopentecostais e de certas paraeclesias. Dinâmico e atraente, esse movimento teológico penetrou, ainda que parcialmente, nas protestantes renovadas, na Quadrangular, na Brasil Para Cristo, na Casa da Bênção e até na Assembléia de Deus. Em parte isso foi possibilitado e estimulado pela extensa literatura dedicada ao tema, pelo evangelismo eletrônico, pelas instituições interdenominacionais e pela alta rotatividade interdenominacional de fieis. Além de que a Teologia da Prosperidade, ao justificar o intenso pedido de ofertas, agrada aos pastores cujos projetos evangelísticos são ambiciosos e de alto custo, enquanto que, ao prometer bênçãos materiais e uma vida vitoriosa, mostra-se irresistível aos fieis (MARIANO, 1999:166).

No Brasil, a Teologia da Prosperidade iniciou sua trajetória nos anos 1970, principalmente através das igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça, mas não se restringindo a estas, como vimos acima, ela tem sido assimilada, em menor ou maior grau, por muitas igrejas e ministérios pentecostais.

Para os pregadores da Teologia da Prosperidade a posse, a aquisição e a exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel, enquanto que a doença e a pobreza são sinais de falta de fé. Há, portanto, um rompimento com o velho ascetismo pentecostal.

A Teologia do Domínio está inserida em contexto maior marcado pela concepção de que os cristãos devem tomar partido em uma “Batalha Espiritual”. Desde o início o Diabo tem encontrado enorme destaque na doutrina cristã, isso se dá em

⁵ Foram realizadas pesquisa de campo – observação participante -, nas igrejas do Evangelho Quadrangular, na cidade de Assis, no período de junho de 2009 a dezembro de 2010, com registro em diário de campo, catalogação e análise.

grande parte devido à dificuldade de se conciliar a onipotência e suprema bondade divina do Deus cristão com a existência do mal e do sofrimento humano.

No entanto, desde o século XVII, a teologia liberal, católica e protestante, tem reduzido o papel ocupado pelo Diabo, tratando-o como metáfora, assim como esvaziando as possibilidades de intervenções sobrenaturais na vida cotidiana dos indivíduos. Todavia, a teologia liberal nunca foi majoritária no meio protestante. Suas interpretações da Bíblia causaram nos EUA do século XIX, horror em diversos grupos cristãos tradicionalistas e fundamentalistas, “todos profundos crentes no poder do Diabo” (MARIANO, 1999: 110). Foi dentre essa maioria, de crentes na ação do Diabo, que o pentecostalismo se estabeleceu. Estes enxergam a ação divina ou demoníaca nos acontecimentos cotidianos mais insignificantes.

No Brasil, o pentecostalismo não perdeu a noção de estar inserido em uma realidade sacral, influenciada pela ação demoníaca e divina, afinal de contas, é desde o período colonial que o Diabo tem atormentado os devotos brasileiros (MOTT, 1997).

Aqui, a presença do “inimigo de Deus” foi identificada, pelos pentecostais, principalmente na forte influência do catolicismo nas esferas social e religiosa e nas religiões de matriz africana, candomblé e umbanda, no que os pentecostais se somavam à hierarquia católica. Todavia foi somente a partir da década de 1980, que veio a se desencadear no Brasil, o que veio a ser intitulada por muitos de “guerra santa”.

Utilizando-se de uma pedagogia guerreira, os defensores da “guerra espiritual” procuram acentuar a dependência do fiel pentecostal em relação a soluções sacrais, ao mesmo tempo, em que procuram encorajá-los a tomar partido em uma luta contra o Diabo, “revertendo as consequências de seus atos, conquistando território e pessoas para Jesus” (MARIANO, 1999: 152).

A concepção de “batalha espiritual”, ou guerra espiritual, ganhou força no Brasil principalmente no início da década de 1990. Nessa formulação teológica, baseada na Teologia do Domínio, a “guerra” deve ser travada contra demônios específicos, que são os “espíritos territoriais e de geração”.

A Teologia do Domínio fundamenta-se na ideia de que existem demônios que dominam sobre áreas geográficas (bairros, cidades, países), instituições e grupos étnicos, tribais, culturais e religiosos, que necessitam ser libertos através da oração ou da guerra espiritual.

Para expulsá-los, os crentes fazem intercessões nos cultos e, de preferência, no próprio local ou território que desejam libertar, evangelizar e tomar posse para Deus. [...] a evangelização tem como precondição a guerra espiritual, cuja principal arma é a oração [...] Daí terem se tornado comuns as “caminhadas de oração” de fieis por seus bairros de moradia. (MARIANO, 1999: 158)

É nesta ideia de libertação por meio de atos e ações realizados em determinados locais que se encontra a base teológica para a realização das já conhecidas “Marchas para Jesus”, que hoje acontecem anualmente em diversas cidades brasileiras. Ao “marcharem” pelas ruas de uma determinada cidade e declarando a soberania de Cristo sobre aquele lugar os fieis acreditam estar destruindo as influências malignas que impedem o sucesso da obra evangelizadora.

Por sua vez, os “espíritos geração”, ou hereditários, são responsáveis pelas maldições de família. Segundo essa concepção, um indivíduo que possua um ancestral que pecara ou mantivera ligações com qualquer prática antibíblica, como o ocultismo e demonismo, carrega consigo uma maldição provocada pelo demônio herdado. Para se libertar é necessário que este renuncie ao pecado e às ligações demoníacas de seus antepassados, para assim “quebrar” as maldições hereditárias.

Por meio da crença na maldição hereditária, seus defensores, procuram explicar a causa de doenças, violências, guerras, desigualdades sociais e toda sorte de problemas que não tenham uma causa aparente. Ainda segundo os defensores dessas duas linhas teológicas, todos os problemas da sociedade brasileira poderiam ser superados por meio da intercessão.

Mariano chama a atenção para a ligação entre a Teologia do Domínio e participação política de grupos pentecostais:

Prato cheio para os políticos evangélicos, a crença nos espíritos territoriais tem-se prestado ao uso eleitoral. Justificam seus defensores, candidatos e cabos eleitorais que a eleição de evangélicos para os altos postos políticos da nação trará bênçãos sem fim à sociedade. Além de desalojar parlamentares infiéis, idólatras, macumbeiros e adeptos de práticas pagãs, parcialmente culpados pelas terríveis maldições que recaem sobre o país, os políticos evangélicos, eleitos, teriam a privilegiada oportunidade de poder

interceder, nos planos material e espiritual, diretamente no próprio local onde se alojam poderosos demônios territoriais que tanto oprimem os brasileiros. (MARIANO, 1999:144)

Nesse sentido, é sintomática a afirmação da pastora Valnice Milhomens, líder do Ministério Palavra de Fé, quando da candidatura de Francisco Rossi (PDT/SP) ao governo paulista, em 1994.

É inevitável concluir que a raiz dos nossos problemas é de ordem espiritual [...] Diante do exposto, é de suprema importância elegermos governantes que reconheçam Deus como Supremo e de fato dependam dele e consultem sua palavra [...] Estamos não apenas apoiando a candidatura do Dr. Francisco Rossi, mas empenhando-nos em batalha espiritual, intercessão e apoio, para que este servo de Deus chegue ao governo do Estado e o nome no Altíssimo seja glorificado.⁶

A disseminação dessas novas linhas teológicas no pentecostalismo brasileiro contribuiu para a mudança de postura de parte das igrejas pentecostais frente à política. Acreditamos que as mudanças ocorridas no posicionamento político dos fieis pentecostais, inclusive de seus líderes e pastores, são fruto de mudanças no seu posicionamento teológico e não o contrário. Compartilhamos com os argumentos de Aline Coutrot, segundo os quais existem relações estreitas entre prática religiosa e atitudes políticas. Segundo a autora, “podemos nos espantar que o simples praticante, que tem como único alimento o culto ou a missa semanal, seja modelado pelo ensinamento da Igreja a ponto de nele se inspirar em suas condutas sociais e políticas (COUTROUT, 1996: 336).

Segundo Coutrot, ao serem socializados por práticas coletivas os cristãos acabam adquirindo um sistema de valores que profundamente interiorizado subtende sua atitudes políticas. Dessa forma, o fato de existirem formas diferenciadas de posicionamento frente ao político está diretamente relacionado ao fato de que “sempre existiram muitas correntes teológicas, há muitas espiritualidades modelares de comportamentos profundamente dessemelhantes em relação ao mundo e à sociedade política.” (COUTROUT, 1996: 337)

⁶ Revista Gospel News, 5, outubro de 1994, p. 10.

Ao abordarmos a religião em conexão com a política não podemos nos esquecer de que os fundamentos teológicos, nos quais os fiéis assentam sua fé, são reveladores de atitudes e práticas que estes colocam em prática em seu dia-a-dia, assim:

Limitar-se como se faz às vezes, às posições políticas é deter o olhar na superfície das coisas. Elas são inseparáveis de uma concepção determinada da verdade, das relações entre o espiritual e o temporal, e inexplicáveis sem isso (COUTROUT,1996:338).

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no campo de estudos da religião e da história. In: GUERRIERO, Silas (org.) *O estudos da religião: desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, 2003. P. 57-68.

AVELAR, Lúcia. Participação política. In: CINTRA, Antonio Octávio (org). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, São Paulo: Unesp, 2004.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1990-2006)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, José Murilo. Fundamentos da política e da sociedade brasileiras. In: CINTRA, Antonio Octávio (org). **Sistema político brasileiro: uma introdução**. RJ: Konrad-Adenauer-Stiftung, SP: Unesp, 2004.

COUTROUT, A. Religião e política. In: REMOND, Rene (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

FRESTON, P. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas:, Unicamp, 1993.(Tese de Doutorado)

FRESTON, P. Protestantismo e democracia no Brasil, In: *Lusotopie 1999*, pp.329-340.

IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, *O Evangelho Quadrangular*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1999.

JULIA, Dominique. História religiosa. In: LE GOFF, J; NORA, P. (Org.) *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 106-131.

- MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, 18, n.º 52, 2004.
- Mariano, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado, In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 4, 1994.
- NAVES, Rubens. Novas possibilidades para o exercício da cidadania. In: PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.) *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003
- ROMEIRO, Paulo. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1993.
- ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1977.
- SILVEIRA, Jerônimo Onofre da. *Produzindo por mil homens*. Belo Horizonte: Jerônimo Onofre Silveira, s/ data.
- SOARES, R. R. *Como tomar posse da benção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997.